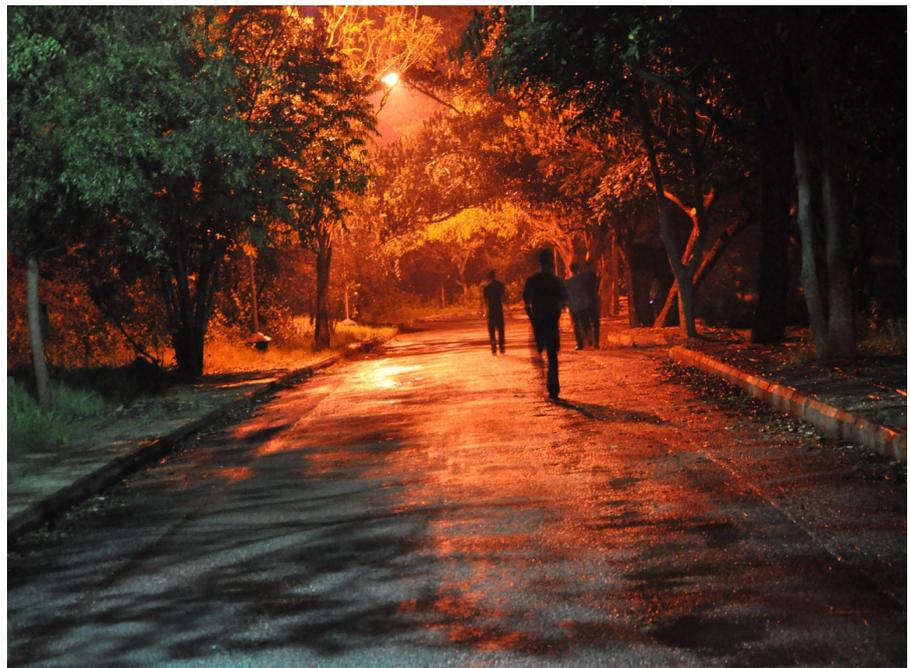


Limbo

Joana Futre



AMAR A POESIA, DIGITALMENTE

A poesia em formato digital terá o mesmo
sabor, o mesmo odor?

Seremos capazes de encontrar o prazer da
leitura num ecrã de computador?

Editamos poesia desde 1996 e queremos,
agora, dar o passo para além dos limites do
papel.

E cada leitor poderá, em sua casa, imprimir e
construir o seu livro. Também ele cúmplice
desta batalha pela poesia que não pode ter
fronteiras, nem barreiras.

Elefante Editores

Preâmbulo

Quão difícil é viver assoberbada, num limbo
Feito de perdas cujo valor é difícil de estimar.

Treina o corpo, faz o limbo

Recém-chegado a um país
Onde a nação anda há demasiados anos
Em plena guerra com um inimigo capitalista,
Alguém quer saber até onde iria o comunista
Para passar da fase da entrevista. E ficar com
o lugar
Numa empresa que acabaria por monopolizar
O seu tempo, a sua atenção, o seu alento, a
sua motivação.
Sentado na cadeira, está o jovem a idealizar
um bar
Na América do Obama, the land of the free.
O rapaz ouve a sua intuição quando esta lhe
diz
"Treina o corpo, vai dançar, aprende a fazer o
limbo".
Vais precisar quando, agora em definitivo,
Te sentares e fores regido
Pela lei de quem se sujeita a entrar no papel
de aprendiz.

Esticar a corda

Paira lá fora um ar de eterna revolta,
O Governo esticou a corda.
Porque consegue inventar leis para tudo
Mas não há maneira de fazer uma
Que te traga de volta. Para casa, pela porta
De onde saíste não sem antes jurares a pés
juntos
Que voltavas para tratares de outros assuntos.

De repente, tu desapareceste e ficaste só. E
nós, só ficámos.
Numa sala cheia de pessoas, enfeitada de
coroas
De flores. Numa tentativa nobre de embelezar
a morte.

Desligaram a luz das estrelas e elas não
brilham mais
E as tuas mãos deixaram de ser palpáveis,
reais.

Para mal dos meus pecados
Nunca pensei que pertencesse tão cedo
Ao meu catálogo de sonhos inatingíveis,
desenhados,
Cuidadosamente engendrados
Por um cérebro que apesar dos seus
pensamentos lógicos
Crê em fenómenos cósmicos.

E todas as noites te deseja ver

Se não inteira, então aos pedaços.

Vocação

Conheci a morte
Acabada de nascer.
Andei com ela ao colo,
Brinquei com ela no chão
Até ela se fartar e crescer.

Era uma jovem canhota,
Com uma alma nostálgica
E escrevia poemas que musicava,
Enquanto desenhava
No seu caderno atípico
Com linhas tortas.
Batia desde cedo a todas as portas,

Sem exceção, primeiro dia sim, dia não,
Com a vontade de quem vinha cantar as
janeiras.
Mas praticava, diligente, para evitar desafinar
Na canção.

Cresceu no seio de uma família unida
Que não discriminava e muito menos falhava
Com o que dizia.
Também ela era uma filha que lutava por
várias causas,
Em prol de uma nação igualitária
Nunca devota a uma só, unidimensional,
ideologia.
Assumiu o papel de jovem ativista
Contra um sistema viciado no ponto de vista
capitalista.

Virou as costas a trabalhos tradicionais
E declarou não querer viver sob a alçada
instável do Estado.

Nunca se identificou com nenhum programa
partidário
E abriu as portas ao surrealismo, ao que este
tinha de mágico.
Abraçou o trabalho inglório de introduzir a
viagem
Para o além do eterno fantasmagórico,

E o mundo inteiro declarou:
Encontrou a sua vocação.

A morte e o luto entram num bar

A morte e o luto entram num bar
Saturados de um trabalho inglório.
Querem abrir a pista de dança
Para exorcizar a energia das pessoas que
levaram
Embora para eles o destino final delas seja
irrisório.

Enquanto a morte é rápida,
O luto gosta de se sentar à mesa,
Passar a mão como quem dá uma festa ao de
leve
A quem cá fica e de repente não sabe o que
fazer.

Já a morte nunca se quer comprometer.
Essa diferença em natureza aproximou-os,
A maneira distinta de ser de cada um
encantou-os.
É o magnetismo da lei da atração a fazer das
suas
Entretêm-se a sobrevoar cidades à luz das
luas.

Foram até a um miradouro de Lisboa
Abriram uma garrafa de vinho do Dão.
Debateram questões existenciais,
Não foram para a cama cedo, fizeram serão.

Se o luto

Se o luto entrasse ele próprio numa fase de metamorfose,
Como costuma fazer às pessoas por que banalmente passa
Seria parecido à Jessica Rabbit.
Uma mão cheia de curvas, a fumar compulsivamente,
A beber num bar à beira-mar, certamente.

A viver bem a vida, como quer,
Não como lhe é pedida.
Entrava a calçar os sapatos de uma jovem descomprometida,
Mais invejada do que bem-vinda,
E não endereçava aos clientes a formal despedida.

Seria apetecível ao olho como Desdemona
Mas submissa. Cairia nos braços de alguém
Que não quisesse dar parte fraca
Apesar de sentir falta de outrem.

Visita às almas

Volta e meia vão visitar as almas que estão no limbo
Esse lugar, ainda que figurativo,
De um reino a caminho dos últimos andares do Céu.
Pensem num arranha-céus com um manicómio alternativo,
E num dos seus múltiplos andares.
No limbo não existe elevador,
Não há senhas para atendimento ao público.
Regido pela lei do Catolicismo
É mais bem descrito como o alojamento das almas
Que aguardam pacientemente pela salvação Eterna, ou então apenas por uma nuvem confortável,
Uma solução mais habitável por terem escapado ao batismo.

A morte e o luto chegam de mãos dadas.
Dão de caras com dois polícias da memória
Que inspecionam cada hóspede que entra.
São eles que iniciam o processo de purificação das almas
Apagam uma por uma cada história inglória
Associada a determinado pecado terreno.
Algumas almas resistem a esta terapia
Outras deixam-se ir por medo;
É que ninguém quer ficar por muito tempo
A confraternizar com almas penadas,
Uma vez que estas tendem a contar os seus traumas
Como se estivessem a fazer vezes sem contas as mesmas rotundas.

Figura alegórica

Os anjos protagonizam mais estátuas
Do que as figuras com que nos cruzamos
No quotidiano.
É o que há de extraordinário no mais mundano
Que inspira a grande revolução,
O cérebro de mão dada com o coração
Move a multidão,
Capaz de fazer parte da eterna manifestação.
Mas é a figura alegórica
Que rouba a cena
Por não constar do mesmo plano.
Desinteressada em responder a uma questão
Que considera retórica,
Insiste que a ausência notória
Faz, no fim, a diferença.

Vive no interior de um museu importante e
fresco
Refastelada, despreocupada,
Com as ações sem nexos de humanos
mesquinhos
Determinados em acumular provas
De tudo o que vale para evitar derrotas.

A estátua vai às grandes praças da cidade
Ou é edificada na mais bela e imponente
igreja,
Tudo lhe é dado de bandeja, conforme deseja.
Alimenta-se dos elogios, da pompa e
circunstância
Envelhece com graciosidade
Assenta-lhe bem um certo ar de vaidade.

Questões várias ou o aborrecimento *post mortem*

Depois daquele fim fugaz
Da vida terrena, que a muitos deixou pena,
O que é que encontraste?
O sistema é eficaz?
Há alguma espécie de triagem,
Tiraste daquelas senhas horríveis?
Até ser atendida, quanto tempo esperaste?

Aí há a noção de tempo pelo qual exasperar?
Ou ele não faz grande diferença
E aprendemos o abordar o que entendemos da
existência humana
De forma mais serena, já não corremos mais
em direção à urgência.

Sentaram-te, ao menos, nalguma nuvem com
uma vista decente
E alguma entidade ficou encarregue de te de
mostrar
Um panorama geral de catástrofes futuras,
mundiais ou familiares
Para agires em prol de quem não tem outro
remédio
A não ser ainda cá andar

I. EXPECTATIVA

Se tudo falhar... Dança

Dance like no one is watching
Se tudo falhar, se o chão ruir
Dança, meu amor.
Quem o faz seus males espanta
E seus pretendentes encanta.

Abre a pista e dança
Deixa que o álcool te consuma, não importa
Na vida, como nos filmes, a gente edita e
corta.
Naqueles que eu faço com elevado grau de
minúcia na cabeça
E que jamais terão a honra de passar na
televisão
Ou na tela de cinema, pois não se trata de
Ginger Rogers
Nem de Fred Astaire, que nervos, que tédio.
I wish you'd look me in the eyes.
Why don't you love me, why don't you care?

Desisti de persuadir cientistas
A projetar uma máquina do tempo.
Parou de fazer sentido de momento.
Recuso-me a voltar atrás para corrigir
Uma fração de segundo,
Um ou outro instante de desalento.
Um amor feito de metades
Condenado à nascença de tão desejado
Mas por pura vaidade, malcriado.

Dá-me uma realidade caleidoscópica
Feita de cores infindáveis que aparecem
Simplesmente. À margem da súplica ou do
suspense.
Sê fácil de mover, de desvendar

Sê grandioso de ler, como um romance.
Sê rápido de encontrar e de pegar
Descansa em mim, deixa-me ser o teu lar.
Constantemente a rodar, numa ilusão
De permanente equilíbrio
Ao ritmo do bater do coração.

No café mais recôndito do bairro,
Na parte íngreme a que poucos
Se arriscam a ir
Há uma cápsula de retroversão da memória.
Onde o passado é revisto com tempo
Mas o presente jamais será alterado
E terá inevitavelmente uma moral inglória

Pedem-te para pintar um novo quadro
Contar a mesma história
Mas de outra perspetiva. Porque quando voltas
Dás por ti sentado de frente e não de lado.
Há um ângulo direto e sagrado
Para impedir que o desfecho volte a ser
amaldiçoado.

O enredo acontece em espiral
Sem as arestas difíceis da banda desenhada,
Quadrado atrás de quadrado.
Viras o livro ao contrário, mas no presente
O final continua a assumir um contorno
indesejado...
Até que cortas a tira aos pedacinhos
Microscópicos, infinitos.

A casa e a mulher a dias

Não é por qualquer das vias
Que surge a junção perfeita
Entre uma casa e a sua mulher a dias,
Mas quando acontece é como se tivéssemos
Finalmente chegado à eleita.

À alma gémea que tão depressa, com leveza,
Nos faz passar do pragmatismo,
Do chamado olho clínico
Para o romantismo e idealismo.

Dos cúpidos que disparam a torto e a direito
mil e uma setas
Dos vários andares do céu
Para pessoas concretas,
Preocupadas com contas a pagar
Ou com crises compostas por matérias
mundanas.

Mas no fundo nunca sabemos quantos anos
vamos ficar
A limpar, a aperfeiçoar, a polir as arestas
Para impedir que o pó assente por demasiado
tempo
Na mobília comprada ou herdada,
Tão cuidadosamente transportada
Na hora da mudança.

Metamorfose sem transtorno

A lua
Com as suas particularidades
Com a certeza das suas fases
Faz parte de um quadro preto
Que tem em si um infinito número
De estrelas, pintado.
E jamais reclama
Quando algo lhe é roubado.

A lua nunca esquece
Mas também não pede de volta
Aquilo que sabe
Que apenas lhe foi emprestado.

A história é cíclica, como ela
Tudo o que alguma vez
Foi verdadeiramente dela
No devido tempo, retorna
Nem que seja noutra cor ou forma.

Ego trip

Optas por viver com alguém diferente de ti
Para não cederes ao egocentrismo.

Até seres rejeitada por essa pessoa
E conheceres o amor próprio.

Um dia, quando olhares para o relógio
A madrugada terá caras de pessoas conhecidas
Com as quais namoras por serem infinitamente
parecidas
À tua.

Fiquei cheia, comentou a lua quando passou
por mim.
O coração carrega a verdade como um peso
Desconfortável.
Mas os olhos continuam tapados para
aumentar a proporção
De um mal-entendido já considerável.

Para entenderes o sabor da liberdade
Abre o manual de história, estuda a revolução
Onde a perda foi irrisória.
Um grande amor não enfrenta o luxo do
esquecimento
Arde sem se ver, na minha e na tua memória.

Moisés, o profeta parte as águas que nem
louco
A terra estremece com o poder do seu bastão
Que ecoará pelos séculos fora
Quando chegar a multidão ao ritmo da canção
"Grândola Vila Morena".

A marchar ao toque da hora
Alumiada pelas tochas do fogo
A gritar, ontem como hoje, "Ele não".

Trava-línguas

Se um dia o tempo perguntou ao Tempo
quanto tempo o Tempo tem
É porque ele sabe como o passado é
glorificado no presente quando o futuro é uma
incógnita.
Afinal, nenhum tempo passado por mais bem
recriado que seja
Se imita, e será sempre uma noção que se
inveja.
Se um tiver ousado pecar por ausência num
casamento, batizado ou funeral numa
capela ou igreja
É como ter um bolo reles sem que este no topo
tenha o adorno da cereja.

A lealdade

O disco vinil gira,
Por norma tem o lado A e B.
Quando a vida nos vira
Temos de ter um plano B.

A mãe protesta
Mas quando a nódoa cai na camisola
Há que virá-la do avesso;
É altura de improvisar um recomeço.
Se virar o livro e este ficar de pernas para o ar
Terá histórias que já li, mas não reconheço.

No fim das coisas como as conhecemos
Não há que ter vergonha em manter uma cara
afável.
Se tem graça podes rir à vontade
Não é uma ofensa aos mortos, nem tão pouco
falta de lealdade.

Os bichos

Há quem jure a pés juntos que o tigre
(Animal de design mais complexo)
Conquista as suas riscas até elas decidirem
ficar.
Mesmo quando o triste tigre está assustado
É na sua pele que as riscas se continuam a
refugiar;
Dão-lhe charme de serial killer silencioso,
Dão-lhe pinta nos dias em que acorda mais
receoso.
Estão preocupadas com a autoestima do bicho
Desenham estratégias com afinco sobre como
a elevar.

No fundo, o tigre queria ser o rei da selva
Mas perdeu o lugar. Foi deposto e teve de
deixar passar
Um ser altivo, com uma juba maior do que o
seu ego
E mais forte do que o seu coração.
Não há um habitante da savana que não ouse
Prestar ao seu manto de cabelo reverência.
Todos sabem que ali reside a sua fortaleza
Como se o leão tivesse também ele ouvido a
história de Sansão.

Paciência

Ninguém escuta o lirismo da Paciência,
Virtude humana tão subestimada
Que passa despercebida.
Os miúdos não a entendem,
Os graúdos têm-lhe ódio
Até que graças ao Tempo se rendem
À sua evidência, clareza.

Um dia o Tempo cruzou-se com a Paciência.
Por mero acaso
Ofereceu-lhe sem mais nem menos
As flores que trazia no regaço.
Caíram nos braços hipotéticos um do outro
E ainda hoje vivem juntos, ao que sabemos.

Tem dia

Tem dias em que acredito
Em Deus e todos os seus santinhos,
Nas aparições testemunhadas por pastorinhos,
Na vida e nos seus fenómenos cíclicos,
Nos apóstolos e nos seus versículos bíblicos.
Nas promessas dos fiéis aos anjos da guarda
Que zelosos olham por nós tão cá em baixo.

Relógio coração

Primeiro desconjuntei tudo
Convidei todas as partes a sentar-se cá fora
Para apanhar ar, aprender a conversar
devagar.

A seu belo prazer e não a toque do relógio
suíço

Em que geralmente habitam,
Que peca pela precisão absoluta
Caminhando a cada milésimo de segundo

Para a razão, descartando a opção de badalar
Ao ritmo da rima de uma canção, idealizada
em vão

Pela pessoa que fui.

Mas que ultimamente corre à procura
De outros sapatos para calçar.

Há por aí quem argumente

Que a amizade é mais livre do que o amor,
Mas perguntei ontem ao relógio

Numa altura em que ainda estava intacto
(De momento caído no chão

Todo espatifado, a condizer com o coração
De alguém que ganhou coragem

Para atravessar o limbo da rejeição)

Quanto tempo será preciso para despir a
tensão da atração,

E ficar finalmente à vontade, com tudo ao léu?

Ou então com a roupa interior de quem discute
matéria intelectual
E finge que nada se passou, que nada
confessou.
Que nunca sentiu algo por um miúdo
complicado
Que pensou por mais de dois anos ser o tal,
Dando-lhe o benefício da dúvida
Como quando se confia em quem vai fazer um
recado.

Exercício

Exercita os teus demónios
Manda-os fazer o sagrado jogging matinal.
Avisa-os de que são os jokers do baralho,
Faz pouco deles
Mesmo que quebrar o gelo dê trabalho.
Que eles se ponham em bicos de pés,
Se multipliquem e sejas tu versus dez
Numa luta constante e desigual.

E por favor, diz-lhes para não romantizarem
O amor à primeira vista.
Já temos no mundo filmes suficientes
A explorarem essa temática irrealista.

Desejo que os demónios façam gazeta
Dentro da tua bonita cabeça.
Vão antes para a rua protestar de cartaz no ar
Perguntar porque é que o Estado nunca está
do lado do artista.

O nome das coisas

Tentamos passar de rompante pela vida
Sem dar o devido nome às coisas
Até que algo começa a florescer nas nossas
entranhas.
Uma espécie de projeto humano, inesperado
ou decidido a meias
Que obriga o casal a ir ao registo civil,
E a matar a cabeça para encontrar
Um nome com o qual um ser acabado de
nascido
Pode nem sequer vir a simpatizar.

II. O AMOR

Clube de jazz

A nossa discussão preferida é aquela que
temos sentados e mudos
Mas sempre atrás dos mesmos muros, mais
reais do que imaginários
Inspirados nos grandes regimes totalitários,
ansiosos por construir
Uma noção controlada de futuro. Nós, que
sempre optámos por ambientes mais
escuros
Nós, com sentidos de humor negros e armados
com múltiplos escudos
E máscaras, e manias e taras para assegurar a
sobrevalorizada autoproteção.

Das cadeiras para o palco há um palmo de
distância
E nós assistimos calados, focados, derrotados
Ao descontrolo da guitarra que insiste em
ripostar, responder
À gritaria do piano (indiferente à segurança da
regra, do pormenor, do plano)
Onde há alma, há quase sempre uma situação
de dano
(E eu sabia que ia ser assim ao levantar do
pano)

Lá mais atrás alguém bate sem nexos nos
tambores
Perdemo-nos eu e tu, no hábil jogo de luzes e
cores.
Sempre foste um bom contorcionista que se
recusava a denunciar as dores
Sempre foste exímio a mentir e eu sempre tive
vocação para rir

Do nada, do vazio, mesmo face à ausência da
pujança de uma punch line na piada.
Desmonta as artimanhas do espetáculo
Hoje o clube está fechado
O artista - procrastinador nato - também tem
direito à bendita folga.

Um brinde

Inevitavelmente, brindamos
Ao que ainda temos,
Tanto à generosidade humana
Como aos deuses em que cremos
(Por igual, para não ficarem amuados).

Para evitarmos esquecermos
Que ainda não sabemos
Ressuscitar as almas,
Para que nos possam bater palmas
Quando merecemos e nas ocasiões certas.

O som e o silêncio
São como a mãe e a filha que caminham
De mão dada.
Lembro-me de ti como uma ferida
Que nunca será sarada.
Como aquela de que sinto mais falta
Mas que sei que ainda me guarda

Com o mesmo apreço, a mesma gentileza
Com que se esforçava para remover vestígios
de tristeza.
Devo alguns dos melhores pedaços da vida
íntima
A quem me ensinou o que era a verdadeira
leveza.

Levo o teu espírito na algibeira
E bebo-o quando preciso.
Sabe-me a vinho tinto
Doce com a luz a que te pinto
Sempre que te apresento
A quem te é desconhecido.

Leve-leve é o lema
Só assim será divina a oferenda.
Mesmo depois de já não o vermos
O rosto de uma mãe
Será sempre, sempre um belo poema.

Desmitificação

Desmistifiquei hoje os mistérios
Ao nascer do dia.
Foram os Deuses que uniram as nossas almas
Há milénios;
São elas as verdadeiras culpadas,
Concordaram em encontrar-se
Quando descessem à Terra.

As más-línguas garantem que foi forçado
Mas essas almas agora materializadas
Souberam desde o início
Que o encontro era o culminar
De acontecimentos de vidas passadas.
Uma espécie de sequência de juros
acumulados
De todas as vezes em que poupei o meu
coração
Para to entregar na melhor condição.

O peso exato do desejo

Sempre que te vejo
Acho que me estás a dever um beijo,
Os pratos da balança têm dificuldade em
calcular
O peso exato do desejo.

Na estante

Os livros de inglês e francês
Da minha mãe
Gostam de namorar com os de matemática e
física
Do meu pai.
Por mais bibelôs que tenham pelo caminho
A separar as águas
Acabam sempre por se encontrar,
Por se encostar.

Ratos e baratas

O amor de ratos e baratas
Será eternamente mais descomplicado
Do que o de meras criaturas humanas,
Amarguradas e ancoradas pelas suas quezílias,
Que por mais que analisadas e pensadas
Jamais passarão do estatuto de mesquinhas.

Há um romantismo inerente à sujidade
associada
Aos ninhos rapidamente construídos pelos
bichos.
Procriam sem pensar nas consequências
E aí reside muitas vezes a sua esperteza.
A de evitarem cair na falácia do amor
contemplativo
Que tende a atrapalhar a vida em casal
Por dar o dito por não dito.

Se os grandes poetas como Alexandre O'Neill
Ou Fernando Pessoa reencarnassem numa
barata
E partissem todos os dias em busca do amor
Conjeturariam com certeza uma versão mais
pragmática
E realista que se ficaria pelos atos pequenos,
mas generosos
Do dia-a-dia. Por outras palavras, nunca
ganharia fama internacional
Ou alcançaria as páginas dos livros que
enfeitam as estantes,
Contentando-se com as paredes dos sapatos
esquecidos no fundo do armário
Sem ambicionar outros voos além dos
proporcionados por favores diários.

Aqueles de ir buscar algo ali à esquina
No mais próximo supermercado.
Seriam um casal despreocupado com a sua
sina
E estariam mais interessados em fazer um
simples recado
De uma forma que fosse bem-sucedida.

Habitação precária

Crescer é também perceber
Que o útero de uma mãe
É o melhor T0 que alguma vez se pode habitar.
Quem me dera ficar para sempre nas
entranhas maternas,
Dormir todas as sextas sem ter de me
preocupar
Com rendas, água, luz ou gás
Com a falta que o teu abraço me faz.

Olho-me ao espelho e vejo os teus olhos e
pestanas
Todas as minhas boas e más heranças.
Depois de um funeral com enchentes e flores
tão bonitas
Onde é que verdadeiramente descansas,
Que feitiços lanças?

Quando conspiras com o universo
Espero que seja sempre a meu favor.
É o mínimo que podes fazer
Depois de tanta dor
Para abdicar de uma habitação tão precária.

Inestimável

Quando te vi pela primeira vez
No escritório da rua com o nome do meu pai
Pertinho do Tejo, no início do ano, no começo
do mês,
Pensei que íamos ser como Narciso e Eco.
Tu, Deus cativado pela beleza do seu reflexo.
Eu, a Ninfa condenada desde cedo
Por não conseguir fazer conversa, por medo.

Fiz de tudo, regressei a casa.
Inventei distâncias maiores entre nós
Montes indivisíveis e intransponíveis
Um mal necessário que sara.

Não sou crente
Não tenho fé no amor, acho que mente.
Das duas uma:
Ou tem um timing horrível
Ou peca por ser displicente.

Duas linhas

Até então éramos como duas linhas paralelas
Cada uma por si a tentar chegar a algum lado.
Quis o destino, o acaso ou algum santinho
Que um de nós mudasse de rota.

Éramos agora duas linhas perpendiculares
Cujas histórias se intersectaram
E nunca mais foram as mesmas.
Encontraram outras linhas que se
atravessaram
Mas no fim não lhes ligaram
Seguiram viagem.

Bordaram uma história
Em ponto de cruz
Para conservar a memória
Dessa feliz interseção.

O gráfico do amor (e o elefante na sala)

Todos os dias ela fazia questão de preencher o interior do gráfico
Com mais uns pontinhos. Começava sempre de baixo para cima
E só se a figura humana ficasse pintada até à cintura
É que ela admitia que não estava dormente e que sentia.
Mas ela não estava realmente preocupada relativamente a isso
Porque, verdade seja dita, raramente acontecia.

Queria sobretudo aprender a aperfeiçoar o contorno do desenho do elefante.
Ninguém na sala precisa de saber o porquê de ter escolhido uma criatura tão grande,
Tão lenta até chegar onde quer, mas com presença, austera (para desconhecidos),
Possante.
Era como se fosse uma figura política a responder a questões com termos vagos,
A ponderar na escolha do termo mais adequado. Largos anos de experiência
Ao mais alto nível já a tinham assegurado que, na dúvida, dizemos "falecer" ou "partir"
E evitamos ao máximo "morrer", para não denunciar a possibilidade
Do luto ainda estar a decorrer.

Assustar a pessoa ao primeiro encontro com o debate de questões traumáticas é que não.

Só depois do segundo encontro é que
pensamos em pintar o elefante
Segundo as regras e padrões que a outra
pessoa acha sedutores
(Queres agradar não queres?).
Sabes há quanto tempo tenho o coração
enclausurado numa caixa
Em que se lê FRÁGIL
A letras grandes, a vermelho (a cor do calor,
do amor) numa faixa?

Linhas telefónicas

Tirei uma fotografia
Às linhas telefónicas pretas
Que atravessam o céu, azulão.

Como retas a dividir os sentidos
De uma autoestrada,
Naturalmente criada,
Onde não há carros
Em contramão.

Hoje aceitava boleia
Para nos juntarmos,
Fazermos uma grande ceia.
Em amena cavaqueira,
Enchermos os pulmões e apagarmos
As velas dos teus 60 anos
Para me fazeres sentir inteira

Outra vez.

Prenúncio

Quando olhámos um para o outro
Numa união orquestrada pelo acaso
Vi-me num vestido branco simples e modesto,
Vi noites de paixão e o inevitável caixão,
Vi isto tudo e o resto.
Vi o mundo, tu a dares-me a mão
Como prenúncio de uma transformação.

Quando te vejo quero dizer tudo ao mesmo
tempo
Mas não consigo verbalizar quando sinto
desejo.
Só os meus anjos da guarda sabem o quanto
te quero
Riem-se de mim quando estamos juntos
Eles sabem que o gato me comeu a língua.
E que nós somos como um nó que não ata
nem desata.
E que eu só quero um beijo.

O contorno da sardinha que tens no braço
Tenho eu em forma de porta-chaves;
Levo o peixe comigo todos os dias
Desde que o comprei na subida para o castelo,
Quando fiquei na casa da rua com o nome da
tua mãe.
Há seis anos o teu nome ainda não me dizia
nada.

Vi a tua mãe;
Queria-lhe dar os parabéns
Por te ter feito tão bem.
Agora sei que também ela
Foi uma musa para alguém.

Vitória

Como é bom ter uma página em branco
Começar a escrever para esperar a ganhar,
Para perceber que o silêncio é de ouro.

Abrir o teu coração e descobrir um tesouro,
Ter a honra de ter ver no pódio
A constatar o fim do desprezo, do ódio.

Quando uma multidão de caras sorridentes
Testemunham o erguer de uma coroa
Á base de folhas de louro que reluz e ecoa,
“Vitória”.

O verde-esperança, do louro
O amarelo tão reluzente que ofusca
Do ouro e por fim o vermelho
Da chama olímpica, do pôr de mil e um sóis.

Da natureza a cantar em uníssono
Quando te vê com brio a bafejar para a
medalha
A limpá-la com exaustivamente, com o brio
De quem fez por chegar longe.

De quem apostou tudo
Para não ficar pelo caminho.

Entra a boa nova pela casa
Onde o silêncio é rei
Todos lhe devem algo
Olha a todos com desdém.

Depressa e bem não há quem
Porque demora nove meses um filho a nascer,
a aprender

A chorar, a gritar como gente grande
A planos pulmões.

Floresce uma nova vida no útero da mãe

E o pai fica indignado porque também ele
queria

Dar vida, colo e alimento a alguém

Ter uma relação de dependência inata

Qual ciência exata

Que não lembra a ninguém.

III. DECEÇÃO

De um para um

De um para um
Sem cerimónia
Palavra puxa palavra
Amigo não empata amigo
Mesmo que nada faça sentido
Não há perigo.
Não há uma história sem ser a de hoje
Vou continuar a preferir ver-te lá de longe.

Não há um porto a que chegar
É a minha casa a que quero regressar
[ficar.

Há milhões de pequenos gestos
Que sustentam a estrutura humana.
Só conheço uma vida intimamente,
infinitamente
Da capa é contracapa, entre elas um número
Incontável de páginas
De uma vida, da minha.

Vejo fotografias de tudo aquilo que quis
Constato a frustração de não ter sido
abençoada
Com o toque de Midas,
Nem devagarinho, nem de rajada.

Nem tudo o que reluz é ouro
É apenas o revestimento
Fabricado de propósito para me fazer cair no
engodo.
Feito de uma substância mais corriqueira
Porventura, dourada.

Tirei fotografias a tudo aquilo que querias
Mas não encontrei as rimas
Escondidas
Na nossa hipotética canção de amor.
Não sei bem qual seria o seu ritmo,
Mas de qualquer forma sempre dancei sem lei.

Até à próxima, até logo, até (te voltar a) ver.

Dois vultos

Dois vultos a beijarem-se na pintura do muro
Um par de lábios saciados na incerteza do futuro,
Duas sombras a tocarem-se apesar do muro,
através do escuro.

Como peças encaixadas no mar agreste do caos
Que divide as fronteiras entre este e oeste.
Empoleiradas nos picos afiados do arame
Que coroa os limites da paciência do ser humano
“Insano, megalómano, profano”. Dizem eles
com o dedo apontado
Ao juízo ferido de alguém. Rasgado, deixado
ao ar

Mas que sem pontos, jamais irá sarar.
Vai antes esvaír-se em sangue, confundir-se
com o Mar Vermelho
Ainda que figurativamente. E o seu corpo à tona,
às margens, há de vir.
Só aí o puritano que o encontrar,
E tiver a felicidade de noticiar o acontecimento
Irá de novo sorrir
Naquela que será a imagem de marca do século.
Eis o cheque com o dinheiro necessário para o sustento,
Oh baby, it's a brave new world.

Há quem olhe pela janela e se depare com
uma guerra lá fora
Há quem dentro de casa esteja o rapar o prato
da sopa agora,

Impingido pela mãe.

Liberdade, igualdade e fraternidade

Como prémio de consolação
Gosto de pensar que Témis
Decidiu pôr a venda,
Não por imparcialidade,
Liberdade, igualdade ou fraternidade,
Mas para salvaguardar
A própria felicidade.

Longe da vista, longe do coração,
Pensou ela, orientada pela sabedoria popular.
Julgo que também uma deusa já quis
desacreditar
Na irritante canção em que o amor se torna
Quando sai e teima em não regressar.
Na mesma medida.

E agora? Quem vai chegar-se à frente, forte e valente
Para equilibrar os pratos da balança.
Encher os pulmões, com coragem
Soprar os ventos da mudança.
Bem dizia Almada Negreiros
Em tempos mais certos:

Se eu fosse cego amava toda a gente.

A mim não me apanham

Se disséssemos tudo o que nos vai na cabeça
Imaginem a frequência
Com que os casamentos entrariam em
processo de insolvência,
Com os cônjuges a alegarem que não
conseguiriam cumprir com as suas obrigações
Apesar da boa vontade, da lei da atração, da
amizade e das boas intenções.

A base da pirâmide tão lisa e polida a princípio
Começaria a apresentar irregularidades
E o efeito borboleta promissor e poético,
Por ter juntado duas almas no mesmo lugar à
mesma hora,
Esvoaçaria porta fora com desprezo.
Como quem atira a toalha ao chão
A anunciar o fim do esforço.

O amor tende a ser o produto da escolha
humana
De como devemos investir o nosso tempo.
É nos vendido como se fosse a última coca-
cola do deserto,
Mas assemelha-se mais a circunstâncias
apelidadas de fogo de vista.
Talvez a uma ilusão engendrada pelo artista.

Fenómeno idílio em que o comum dos mortais
pensa ter acertado
Com a confiança de quem diz que é desta que
ganhou a lotaria;
Parece que andamos todos a afinar a pontaria.
A caminhar em direção ao oásis para poder
beber água ao fim do dia.

A mim não me apanham mais nessa mentira.

Círculo viciosa

Perdi a paciência para círculos perfeitos;
A luz é a combinação da sombra e do efeito
Mas imerso na escuridão raramente alguém
pensa nisso.
Platão tentou convencer-me com as suas
teorias mirabolantes
De que seríamos muito provavelmente
metades deambulantes.
Senti-me inteira, não liguei a isso;
Ao conselho de um velho que já não joga com
o baralho todo,
A Grécia está apinhada de filósofos com frases
feitas.
Avisei Platão que eu não era a metade, era o
dobro.

Dar atenção é mais romântico do que dar
amor.
É também mais pragmático;
Ser amigo é mais romântico do que ser
amante.
O embrulho é que é diferente. A suposta
explosão de hormonas
Á qual devo ser permanentemente
assintomático.

E como no fim quem ganha é quem mais
vende
O amor tende a ser mais bonito para efeitos de
marketing.
O business rege-se pelo time value of money.
Se é a isso que o doutores e restantes
senhores de fato dão valor
Quem sou eu para tentar ser just friends?
Um conceito tão subestimado no mercado.

A instauração de reinos

Atingi o estatuto da velhice
Posso dar-me ao luxo de dizer a verdade
Sobre as pequenas coisas, insignificantes
Mas em toda a parte.

Arrastam-se pela casa com o tique toque
Das prima-donas aparaltadas com os seus
sapatos altos.
Noutra hora pairava um silêncio ensurdecedor
E até ouvia os suspiros de amor
Dos vizinhos do lado
No auge da loucura, na primavera da vida
A explorarem os inevitáveis prazeres
Da pele despida.

Todo o escritor e artista sabe
Como erguer reinos depois de os descrever
Nas primeiras páginas de um romance.
Mas também como depressa os destruir
(Remetendo-os a meras notas de rodapé)
Quando inadvertidamente os tingir
Com a doce melodia da corrupção.

Mas ainda assim ele sabe da importância
destas notas
Desenhadas a letras miudinha, amaldiçoada,
torta.
Da sua conotação explicativa, informativa da
existência
De uma hipótese remota.
E de circunstâncias mágicas, extraordinárias.
Obra do improviso humano,
Mas vestidas com as mais dignas
indumentárias.

Essas formulações frásicas
Tão mesquinhas quanto necessárias
Com o grau de seriedade da mais bela de
todas as táticas
Criadas para compreender decisões e
mudanças no jogo.

Au clair de la lune

Debussy elogiou a luz que emana de ti
Como um amante que passa contigo todas as
noites
E te conhece todas as fases, te dedica todas as
frases,
Numa ode ao amor poético.

Mas eu sempre te admirei lá de longe
Fixa, a iluminar o que tão bem se esconde
Na escuridão.

E quando penso no que fazes por mim
Sei que o meu apreço sobressairia
Mais facilmente pelo caráter funcional
De quem não deseja chamar a atenção
Com demonstrações de afeto
Consideradas fora do banal.

Entre nós temos a distância inevitável
À qual se adiciona aquela que queremos dar.
Um dia construo uma ponte
Para ir e voltar.

Oferenda divina

Deixa-nos ser só um esboço.
Tu, velha lenda dos mares antigos
Eu, um conto esquecido e por ler;
Agora sinto só vergonha.
Afinal nunca fizemos por merecer
O amor que os Deuses em concílio
Nos resolveram oferecer.

Não há mais espaço dentro de mim

Não há mais espaço dentro de mim
Comecei a enfeitar todos os cantos
Come se faz no Natal.
Pendurei as luzes, os enfeites,
As réplicas das pinturas protagonizadas por santos.

Arejei todas as minhas cavidades fechadas e decrépitas
Deixei-as abertas por tempo indefinido
Mas ficaste à porta, recusaste-te a entrar.
A chamar pelo meu nome para não ecoar
Com medo que fizesse moossa.

Fiz de ti uma criatura megalómana
Feia com a sua ambição desmedida,
Rapidamente a apoderar-se
Da boa vontade cedida.
Um facto desapontante camuflado
Num rapaz perspicaz de cabelo encaracolado,
Que teima em ter sempre um elogio na ponta da língua
Mas que jamais se vai envolver com alguém por ser complicado.

E então peguei novamente no molho de chaves
E comecei vagarosamente a fechar.
A varrer as divisões principais e depois as caves
Posso apenas lamentar todos os entraves
Que eloquentemente apresentaste.
E no fim, concluí, sim
De facto, não há mais espaço dentro de mim.

A flecha

Por azar, sem contar,
A pessoa do coração grande
Apaixonou-se pelo refratário.
E agora o quarto que ela tinha reservado para
ele
No T4 de porta vermelho sangue está outra
vez para arrendar
No mercado. De casa aberta porque a vida
está difícil e ela não pode esperar
Por razões inúmeras. Incluindo ter nascido
prematura, impaciente, ingénuo e crente
De que se se puser à porta de vestido justo, a
mostrar o pernil,
Alguém há de piscar o olho ou assobiar,
gesticular,
E com sorte (sempre com sorte) levá-la a
jantar.

Depois quanto ao efeito do percurso da flecha
Tanto faz, ninguém está a ver é outra história.
Se chega aos zigue zagues, intacta ou toda
partida,
Se aproveitou e demorou mais um pouco
porque parou na China.
Se atingiu o alvo em virtude do inevitável cair
da série de dominós em fila,
Se foi de rompante, com pompa e
circunstância, que anunciou que afinal vinha.
Desde que seja a do Cúpido e não a de
Aquiles,
Cujas proezas vivem e morrem à luz das
chamas
Não da paixão, mas da Guerra de Troia.

Levar uma tampa

Eu, Isabella Rossellini
Tu, David Lynch.
Eu, a aprender a levar uma tampa
Tu, o intelectual frio e calculista.
Eu, a atriz amargurada, a menina do papá que
tanto idealizava
Tu, o realizador e o artista que não amava.
Eu, com o coração nas mãos, profundamente
enganada
Tu, a dizeres-me para parar de ir atrás das
coisas inúteis
Eu, a dar-me tempo e espaço para apanhar as
coisas úteis.
Tu, a dançares e a conheceres outras pessoas
na disco(teca)
Eu, a fazer o limbo, a passar debaixo do fio
como se fosse da meta.
A pensar no ato heróico, a ambicionar a
medalha.
A ler no fundo que o tamanho da expectativa é
proporcional ao da falha.
Tu, a levares as tuas pick-up lines, a tua tralha
e a pores-me na calha.
Eu, a limpar com brio o reverso da medalha.

ÍNDICE

Preâmbulo.....	4
Treina o corpo, faz o limbo.....	5
Esticar a corda.....	6
Vocação.....	7
A morte e o luto entram num bar.....	8
Se o luto.....	9
Visita às almas.....	10
Figura alegórica.....	11
Questões várias.....	12
Se tudo falhar...dança.....	13
A casa e a mulher a dias.....	16
Metamorfose sem transtorno.....	17
Ego trip.....	18
Trava-línguas.....	20
A lealdade.....	21
Os bichos.....	22
Paciência.....	23
Tem dia.....	24
Relógio coração.....	25
Exercício.....	26
O nome das coisas.....	27
Clube de jazz.....	28
Um brinde.....	30
Desmitificação.....	31
O peso exato do desejo.....	32
Na estante.....	33
Ratos e baratas.....	34
Habitação precária.....	36
Inestimável.....	37
Duas linhas.....	38
O gráfico do amor (e o elefante no sala).....	39
Linhas telefónicas.....	41
Prenúncio.....	42
Vitória.....	44
De um para um.....	46
Dois vultos.....	48
Liberdade, igualdade e fraternidade.....	49
A mim não me apanham.....	50
Círculo vicioso.....	52
A instauração de reinos.....	54
Au clair de la lune.....	56
Oferenda divina.....	57
Não há mais espaço dentro de mim.....	58

A flecha.....	60
Levar uma tampa.....	61

Colecção

digit@lmente

Título: **LIMBO**

Autor: **JOANA FUTRE**

A partir de 2022, a Colecção Digitalmente acolhe todas as edições para uma melhor experiência de leitura gratuita online.

Edição em Formato Digital: **Fevereiro de 2022**

© **Autor e Elefante Editores**
para esta edição digital

Contacto:

elefante@elefante-editores.net



Ideias e Paixões que vamos descobrindo
em cada livro e em cada palavra

www.elefante-editores.net

Editores de Poesia desde 1997